



FACULDADE DE CIENCIAS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

LETRAS

ANDERSON CHAGAS DA SILVA

SORÔCO, SUA MÃE, SUA FILHA: UMA LOUCA ALTERIDADE

BRASÍLIA – DF

Novembro / 2011

ANDERSON CHAGAS DA SILVA

SÔROCO, SUA MÃE, SUA FILHA: UMA LOUCA ALTERIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB - , tendo como orientadora a professora Ana Luiza Montalvão

BRASÍLIA – DF

Novembro / 2011

ANDERSON CHAGAS DA SILVA

SÔROCO, SUA MÃE, SUA FILHA: UMA LOUCA ALTERIDADE

Monografia apresentada como requisito parcial para a conclusão do Curso de Licenciatura em Letras pela Faculdade de Ciências da Educação e Saúde – FACES – do Centro Universitário de Brasília – UniCEUB - , tendo como orientadora a professora Ana Luisa Montalvão

Aprovada em __/__/__.

Banca Examinadora

Profª Drª Ana Luiza Montalvão Maia-(Orientadora)

Profª Drª Maria Eneida Matos da Rosa (UniCEUB)

Profª Ma. Ana Regina Melo Salviano (UniCEUB)

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho as três mulheres da minha vida: a minha mãe, que incondicionalmente me ajudou em todos os momentos da minha vida, me amparando de todas as formas possíveis nesse difícil caminho percorrido, sempre pronta a me incentivar nas horas difíceis e a se alegrar em momentos de vitória. Dedico à minha companheira Priscilla pela compreensão oferecida nessas horas em que as dificuldades nos fazem um tanto ausentes ou estressados, obrigado por estar ao meu lado. Ofereço esse trabalho também à minha irmã Maria Luisa, por sempre carregar um sorriso verdadeiro em seus lábios e encher a nossa casa de uma deliciosa algazarra, às vezes me desviando um pouco de meus afazeres e frequentemente de minhas preocupações.

Ofereço ainda ao meu padrasto Felix, por sua dedicação em dar o melhor para nós, por me acompanhar por tantos anos sempre acreditando em mim, sua presença foi fundamental e sem ela tenho a certeza que não estaria onde estou.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à minha família por compreender todas as minhas ausências e estarem me apoiando nesses anos em que nem sempre eu tinha o tempo necessário para eles, esse trabalho é dedicado a vocês, os meu mais sinceros agradecimentos por acreditarem mim.

Agradeço ao apoio oferecido pela professora Ana Luiza e demais professores, seus ensinamentos ecoarão em mim por longo tempo.

Ao escrevermos, como evitar que escrevamos sobre aquilo que não sabemos ou que sabemos mal? É necessariamente neste ponto que imaginamos ter algo a dizer. Só escrevemos na extremidade de nosso próprio saber, nesta ponta extrema que separa nosso saber e nossa ignorância e que transforma um no outro.

Gilles Deleuze.

RESUMO

O trabalho procura oferecer uma delimitação do conceito de loucura, além de revelar as transformações pela qual a insanidade passou do início da época conhecida como Renascença até chegar ao século XX, e após isso analisar o conto “Sorôco, sua mãe, sua filha” do escritor mineiro Guimarães Rosa, trabalhando com os conceitos de insanidade e de alteridade presentes na obra, e, por último, oferecer um roteiro para o trabalho com o conto em sala de aula.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	09
1. CAPÍTULO 1: O Que é Loucura?.....	10
2. CAPÍTULO 2: Rosa: Uma Louca Alteridade	19
3. CAPÍTULO 3: “Sorôco, sua Mãe, sua Filha” em Sala de Aula.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS.....	35

1 INTRODUÇÃO

O objetivo do trabalho é conceituar a loucura e oferecer um breve panorama sobre sua história no ocidente, com seu início no século XV até meados do século XX, para em seguida explorar o conceito de insanidade através do conto de Guimarães Rosa, intitulado “Sorôco, Sua Mãe, Sua Filha”, atentando para os pontos de contato entre o conceito de doença mental e o trabalho com o texto literário e enfatizando ainda o aspecto da alteridade presente na produção.

A metodologia para o trabalho foi a pesquisa bibliográfica de caráter qualitativo. Procurou-se a leitura, a análise e seleção de diversos documentos que elucidem o problema da loucura na sociedade e ofereçam questionamentos acerca da insanidade no conto de Guimarães Rosa.

O trabalho divide-se em três capítulos: o primeiro capítulo procura delimitar o conceito de loucura e busca oferecer ainda uma sucinta visão das transformações pela qual o conceito de insanidade sofreu ao decorrer dos séculos, iniciando o estudo no início do século XV até chegar ao século XX.

O segundo capítulo oferece um estudo da obra “Sorôco, sua mãe, sua filha”, onde é abordada a relação do autor com a doença mental e ainda procura realizar uma análise dos aspectos literários presentes no conto sob o viés da alteridade.

Por fim, o terceiro capítulo apresenta um plano de aula para o trabalho com o texto em sala de aula, observando como a produção trabalha com a insanidade e procurando sensibilizar o aluno para essa questão.

Ao trabalhar esse conto e tratar dos assuntos elencados acima, objetivou-se principalmente trazer ao aluno uma reflexão sobre o tratamento reservado ao louco e intentou-se desfazer alguns preconceitos há muito arraigados na sociedade no que se refere à loucura, possibilitando ao aluno uma visão diferente acerca desse problema.

2 O QUE É A LOUCURA?

O tema da loucura foi tratado com profundidade por Guimarães Rosa. Temos alguns contos a respeito do tema que figuram entre as produções mais estudadas e com maior carga de significações do autor mineiro. O presente trabalho estudará um desses contos, chamado “Sorôco, sua mãe e sua filha”, publicado no livro “Primeira Estórias”, de 1962. O primeiro capítulo terá como objeto de estudo o tema da loucura, com um breve histórico sobre o processo pela qual passou desde a idade antiga até a contemporaneidade e ainda comentários sobre a relação entre loucura e literatura. O segundo capítulo trará algumas considerações sobre o assunto da loucura no escritor mineiro e o terceiro capítulo apresentará um roteiro para o conto ser aplicado em sala de aula.

Delírio, insânia, alucinação, demência. A loucura tem diversas facetas, mas sempre permanecendo ao lado oposto à razão. Sua origem remonta ao início dos tempos do homem na terra e seu sentido muda em diferentes momentos históricos, sendo atribuída sua procedência aos mais diferentes motivos, tais como a magia e a possessão de espíritos nas antigas sociedades tribais ou ainda ligada às práticas religiosas. Abbagnano, discorrendo sobre o conceito de loucura em Platão, apresenta que o pensador grego acredita que a loucura é originada dos deuses, e a distingue de quatro maneiras, a saber: a loucura *profética* (proveniente do deus Apolo), relacionada à predição do futuro; a *purificadora* (influenciado por Dionísio) que afasta os males por meio de purificações e de iniciações; a *poética* (inspirada pelas Musas) e por fim a *amorosa* (relacionada à Afrodite), por meio da qual o homem lembra-se da beleza das idéias através das coisas existentes no mundo da matéria.

Hoje, após longo percurso sobre o tema da loucura, atualmente tendemos considerá-la como provinda de distúrbios neurofisiológicos, porém com ressalvas, pois há diferentes visões acerca da loucura, até mesmo a visão que afirma a inexistência dela. O dicionário Houaiss (2009) classifica o assunto como “distúrbio

ou alteração mental caracterizada por afastamento mais ou menos prolongado do indivíduo e de seus métodos habituais de pensar, sentir e agir.”

Pelbart (1989), a respeito de entrevista radiofônica com o psicólogo Jacques Adout sobre o assunto, mostra que existem dois enfoques díspares sobre a loucura: o clínico e o cultural. O enfoque clínico trata da alienação como patologia, que precisa de tratamento psiquiátrico, remédios e confinamento. Já o enfoque cultural trata a loucura do ponto de vista filosófico, poético e até político. Os pensadores dessa corrente acreditam na loucura como subversão estética, o louco é visto como herói e tratamento dado a ele é visto como repressivo.

O tema da loucura varia entre as culturas, o que é considerado comportamento anormal em uma comunidade pode não ser considerada conduta desviante em outra, há um relativismo na determinação da loucura como doença, pois como mostra Frayze-Pereira:

...dessa perspectiva relativista, cada sociedade forma da doença um perfil que se desenha através do conjunto das possibilidades humanas enfatizadas ou reprimidas culturalmente. São aberrantes os indivíduos cujos comportamentos não são confirmados nas instituições da cultura de que fazem parte. Assim, a doença é variável como variam os costumes. Mas é o afastamento do padrão cultural a essência das diversas manifestações mórbidas.¹

Para se entender como o fenômeno da loucura se apresenta hoje, deve-se fazer um ligeiro retrospecto das vicissitudes pelas quais passou, pelo altos e baixos da sua história e pela sua inclusão e exclusão na racionalidade ocidental, pois foi somente a partir da divisão entre o racional e a insânia que criou-se a figura do louco, pois sem alienado a própria racionalidade não se justificaria enquanto verdade incontestável.

Como estudado pelo filósofo Michel Foucault no Livro *História da Loucura na Idade Clássica*, o tema da loucura nem sempre foi matéria para médicos e especialistas da mente humana, pois da Idade Média até o início da Renascença os considerados “anormais” viviam entre a população em geral, o único grupo que era banido do contato com a população eram os leprosos, todavia devemos salientar

¹ FRAYZE-PEREIRA, João. O que é loucura. São Paulo: Abril Cultural / Brasiliense, 1984, p. 27.

que a exclusão desse grupo dá-se não somente por motivos infecciosos, pois a lepra era envolta por uma série de crenças religiosas, como explica Frayze-Pereira a respeito do assunto:

Personagens sacros e temidos, eles expressam a cólera e a bondade de Deus. A lepra, que é sofrimento, purifica e castiga o pecador. A segregação ritual do leproso abre-lhe as portas da salvação. Isto é, sua exclusão compreende outra forma de comunhão.²

Somente após a lepra ter sido suprimida devido ao isolamento dos portadores é que se deu o confinamento dos loucos em ambientes afastados da sociedade, porém não somente os alienados eram encerrados nesses estabelecimentos, mas os bêbados, os vagabundos, os pobres e toda a gente considerada excluída do meio social dividiam espaço com eles.

Na Renascença criou-se uma tradição, a chamada “Nau dos Loucos”, onde todos os insanos e vagabundos da cidade eram embarcados e jogados ao mar, onde permaneciam navegando de porto em porto, sem direção. Certamente o procedimento possuía um caráter utilitário, porém a “Nau dos Loucos” era imbuída de uma carga altamente simbólica. Foucault esclarece que:

...confiar o louco aos marinheiros é com certeza evitar que ele ficasse vagando indefinidamente entre os muros da cidade, é ter a certeza de que ele irá pra longe, é torná-lo prisioneiro de sua própria partida. Mas a isso a água acrescenta a massa obscura de seus próprios valores: ela leva embora, mas faz mais que isso, ela purifica. Além do mais, a navegação entrega o homem à incerteza da sorte, nela cada um é confiado a seu próprio destino, todo embarque é, potencialmente, o último. É para o outro mundo que parte o louco em sua barca louca; é do outro mundo que ele chega quando desembarca.³

Ainda sobre o tratamento dado à loucura no início do século XVI, as artes plásticas terão o desatino como experiência trágica do mundo, ele era vivenciada junto com o sonho, a imaginação e os devaneios, não se desvinculando do modo de viver do homem. Já no final do século XVI os homens letrados, os filósofos e escritores começam a questionar essa experiência da loucura, e, mesmo vivenciando-a, o homem do final da era quinhentista cria uma barreira crítica que o

² FRAYZE-PEREIRA, Op. Cit., p. 51

³ FOUCAULT, Michel. História da Loucura da Idade Clássica. São Paulo: Perspectiva, 2003, p. 12.

impede de viver totalmente a experiência da loucura, ele aprisiona-a nos limites da moral, pois a sua visão é que a loucura já não fala dos mistérios do cosmos, mas trata principalmente dos desejos e fraquezas humanas. Como atesta Foucault:

Apesar de tantas interferências ainda visíveis, a divisão já está feita; entre as duas formas de experiência da loucura, a distância não mais deixará de aumentar. As figuras da visão cósmica e os movimentos da reflexão moral, o elemento trágico e o elemento crítico irão doravante separar-se cada vez mais, abrindo, na unidade profunda da loucura, um vazio que não mais será preenchido. De um lado, haverá uma Nau dos Loucos cheia de rostos furiosos que aos poucos mergulha na noite do mundo, entre paisagens que falam da estranha alquimia dos saberes, das surdas ameaças da bestialidade e do fim dos tempos. Do outro lado, haverá uma Nau dos Loucos que, para os prudentes, a Odisséia exemplar e didática dos defeitos humanos.⁴

E é a partir dessa divisão cada vez maior entre a visão trágica da loucura e a consciência crítica dessa que o tema da insânia adentra o século XVII, pois essa consciência crítica dos filósofos e demais pensadores acaba aprisionando a visão anterior sobre a loucura. Como consequência disso assistimos à criação dos internatos como conhecemos, pois apesar de já existirem lugares de correção anterior a esse momento, nesse século esses lugares de aprisionamento ganham a forma como conhecemos hoje. Esse discurso crítico encontra sustentação na filosofia Cartesiana, pois como aponta Frayze-Pereira (1984) o sujeito que pretende descobrir o conhecimento verdadeiro é o sujeito pensante, questionador, e se esse sujeito não dispõe da racionalidade para duvidar ele não pode encontrar a verdade, ele não é um sujeito capaz. *Cogito, ergo sum*. Pensador que levou à razão para o centro do pensamento clássico, Descartes coloca a loucura ao lado do erro e do sonho:

Como poderia eu negar que estas mãos e este corpo são meus, a menos que me compare com alguns insanos, cujo cérebro é tão perturbado e ofuscado pelos negros vapores da bília, que eles asseguram constantemente serem reis quando na verdade são muito pobres, que estão vestidos de ouro e púrpura quando estão completamente nus, que imaginam serem bilhas ou ter um corpo de vidro?⁵

Descartes acredita que somente por meio do ato racional de pensar é que poderemos chegar à verdade das coisas, não podendo assim o sujeito desprovido

⁴ FOUCAULT, Op. Cit., p. 27

⁵ DESCARTES *apud* FOUCAULT, Op. Cit., p. 45

dessa razão (o insano) alcançar o conhecimento verdadeiro. A partir da filosofia cartesiana a loucura se afasta definitivamente da razão.

É importante salientar ainda que se está diante da nascente sociedade burguesa, onde o indivíduo devia se adequar às normas de produção e consumo e atender às necessidades mercantis do Estado, e para conter os indivíduos que não atendem essa demanda foram criados os chamados Hospitais Gerais, instituições que visavam alojar em locais fechados os sujeitos que não se adequavam à ordem do capital produtivo: “os devassos, alquimistas, suicidas, blasfemadores, portadores de doenças venéreas, libertinos de toda a espécie.”⁶ A data de criação do primeiro desses internatos é 1656, e o objetivo desse hospital não era o tratamento de doenças mentais, mas a internação de indivíduos inconvenientes para a sociedade da época. O hospital geral era comandado por um diretor nomeado pelo rei, e somente com mandato do rei se podia enviar pessoas pra lá, sejam doentes mentais ou outra categoria de pessoas improdutivas para o Estado.

Essas instituições serviam também para controlar a sociedade de possíveis revoltas, pois quando o Estado estava passando por crises econômicas, os vagabundos e ociosos eram enviados para essas instituições por medida de contenção da pobreza, e em épocas prósperas, em que precisavam-se de trabalhadores para as manufaturas, os detentos serviam de excelente mão-de-obra barata. Porém devemos nos atentar para o fato que o trabalho nessa época pós-reforma protestante tinha um caráter essencialmente moral, o ócio era considerado o pior dos males e o homem devia trabalhar para honrar a Deus, para redimir seus pecados. Essa concepção moral do trabalho acaba contribuindo para o confinamento dos inválidos e servindo de justificativa para os trabalhos forçados engendrados dentro dessas instituições do Estado.

Assim no século XVII o discurso sobre o louco se estabelece em uma área de exclusão da sociedade, onde o insano não possui voz e, segundo esse discurso, é incapaz de agir de maneira coerente com as práticas da sociedade burguesa racional-instrumental que se configura. Ao colocar o insano juntos com os outros tipos inadequados para sociedade burguesa, o louco ganha características diferentes dos séculos anteriores, pois até a Renascença o alienado era coberto por uma aura quase mística, a sociedade considerava sua palavra como portadora de

⁶ FRAYZE-PEREIRA, Op. Cit., p. 69.

verdades ocultas, misteriosas, reveladoras, mas nesse momento histórico da consolidação da racionalidade e moral burguesa observamos que o louco adquire na feição daquele do que não possui a razão, ele é mostrado como um exemplo moral da vitória dessa razão sobre a animalidade.

No século seguinte tem-se a experiência da loucura vista de um ponto de vista histórico e social, agora o desatino é explicado devido ao confinamento do homem em estruturas sociais cada vez mais complexas e rigorosas e a loucura que no século anterior era vista como característica animalesca de indivíduos despossuídos de razão, no século XVIII é vista como uma consequência da complexa socialização desse homem. Isto é, “o artificialismo da cultura torna-se responsável pela possibilidade da loucura”.⁷ Observamos um enaltecimento da vida natural do homem e a loucura é o preço a pagar pelo desenvolvimento da sociedade.

Dentro desse processo de internamento em que loucos e outros indivíduos impertinentes à sociedade eram colocados juntos, começam a ocorrer protestos por parte do restante dos internos, pois para esses a máxima punição era ser colocado em um mesmo espaço dos dementes. Deve-se observar ainda o caráter econômico do internamento, pois assiste-se ao grande avanço da indústria no século XVIII, que necessita de contingentes cada vez maiores de trabalhadores em suas instalações e o confinamento de parte da sociedade começa a ser questionada pela sociedade liberal. Pois além de ser um gasto para o Estado, os indivíduos ali alojados não podem consumir e, acima de tudo, produzir bens materiais. Logo se iniciam medidas para a liberação dessa população potencialmente produtiva. E no espaço que era destinado a toda população de avaros, vagabundos, blasfemadores e indigentes agora temos somente os alienados. São criados os asilos, entidades com o intuito psiquiátrico de confinamento dos julgados desprovidos de razão e agora o julgamento dá-se por entidades médicas, o Estado e o Igreja lentamente se retiram da avaliação dos pacientes.

Os pioneiros desses estabelecimentos foram S. Tuke na Inglaterra e Ph. Pinel na França. Apesar de nenhum dos dois serem psicólogos, eles ajudaram a

⁷ FRAYZE-PEREIRA, Op. Cit., p. 74.

consolidar o asilo como local de tratamento dos distúrbios da mente. Nas palavras de Frayze-Pereira:

...a grande tarefa do asilo era (e ainda é até hoje) homogeneizar todas as diferenças, isto é, reprimir os vícios, extinguir as irregularidades, denunciar tudo aquilo que se opõe às virtudes da sociedade.⁸

Com a criação dos asilos a loucura passa a ser assunto de especialidade da psiquiatria, criada há pouco tempo sob o manto do positivismo, e agora somente ela poderia diagnosticar e tratar dos pacientes acometidos desse mal.

O século XIX vai abordar a loucura como algo não tão separado da racionalidade, como antes era feito, e esse século vai mostrar como o desatino nos é próximo e evidencia que a própria loucura expõe muitos dos nossos defeitos, sonhos e verdades ocultas. Nessa época começa-se a refletir que a desrazão não está tão separada da racionalidade como antes se pensava.

Nesse século a loucura encontra a linguagem. Temos diversos exemplos de artistas e filósofos loucos da época, que lidam com o desatino de uma forma poética e filosófica, nos revelando os lados ocultos ou ignorados do ser humano. Sade, Goya, Nietzsche e tantos outros, nos revelam que o desatino, a experiência trágica do mundo ainda subsiste nos porões da mente do homem do século XIX.

No Início do século XX Sigmund Freud formula a teoria psicanalítica, que vai estreitar ainda mais essa relação entre loucura e razão. Freud mostra que o inconsciente tem um papel crucial para o indivíduo, pois:

A inseparabilidade do racional e do emocional, da inteligência e das paixões, dos pensamentos e dos desejos, do permitido e do proibido, do visível e do invisível, do real e do imaginário, em suma, do sujeito e do mundo.⁹

é um evento psíquico presente em todos os indivíduos. Freud abriu perspectivas para o estudo da mente humana, revelando uma faceta ignorada do funcionamento da consciência.

Através dessa evolução histórica percebemos como o assunto da loucura foi transformada em “doença mental” pela ciência, pois assim como as demais áreas do

⁸ FRAYZE-PEREIRA, Op. Cit., p. 86.

⁹ FRAYZE-PEREIRA, Op. Cit., p. 90.

conhecimento, agora temos a figura do especialista, sujeito com o discurso autorizado pela racionalidade a proferir decisões que são socialmente aceitas. Desse modo a loucura é percebida na contemporaneidade, como uma doença mental onde somente o discurso do especialista é levado em conta.

Deve-se observar ainda a relação da psicanálise com a arte literária, pois desde o início a psicanálise conjugou pontos de vista com a Literatura, Freud acreditava que pelo seu caráter de exploração da mente humana a literatura tanto podia ser analisada pela psicanálise como a psicanálise podia ser aproveitada pela literatura para a construção de uma experiência mental mais robusta.

Freud acreditava que a arte literária às vezes alcançava os mesmos conhecimentos que a psicanálise encontrava, por outras vias o escritor descobria as verdades, as neuroses e psicoses do ser humano e as trabalhava poeticamente. A literatura já existia muito antes da psicanálise. Diante do analista o paciente conta a sua história, a sua narração, e com a ajuda dele encontra sentidos ocultos em sua própria história. E o analista deve ser um leitor atento aos não-ditos do discurso do outro, deve ser capaz de trazer à tona sentidos velados da narração do paciente, pois:

Existe sempre um sentido manifesto e um sentido latente nos significantes que emergem do dizer do paciente, das suas reticências, esquecimentos e tropeços. Tal sentido revela o caráter ambíguo e equivoco das palavras. A interpretação fornece ao paciente novas significações, como acontece quando se interpreta um texto literário.¹⁰

Sigmund Freud ao analisar as obras literárias afirma que tanto a psicanálise quanto a literatura solvem “da mesma fonte, amassando a mesma massa cada um com seus métodos próprios”.¹¹ O psicanalista ordena, classifica as experiências mentais as transforma em ciência, já o escritor se aprofunda nessas experiências psicológicas para obter a sua criação poética, ambos abordam a psique humana, embora por caminhos diferentes e com objetivos distintos.

¹⁰ BECKEL, Gilcia Gil. *Literatura e Psicanálise: Qual a Relação?*. IN: III Jornada de Psicanálise do Fórum Baiano de Psicanálise. Salvador, 2006. Disponível em <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>>

¹¹ FREUD, *apud* PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Lisboa: editorial Estampa, 1990. P. 23

Guimarães Rosa figura entre os escritores que versam sobre o tema da insânia de maneira ímpar na Literatura Brasileira. Seus personagens “loucos” estão entre os mais queridos e lembrados na ficção brasileira. O conto em questão, “Sorôco, sua mãe, sua filha” é uma amostra do tratamento dado à loucura por esse escritor, pois o conto nos revela como Rosa era possuidor de conhecimentos tanto sociológicos quanto psicológicos sobre o tema da desrazão, e o próximo capítulo como trata como o escritor aborda o assunto no conto em questão.

03 Rosa: uma louca alteridade

Na Literatura mundial, observa-se diversos livros e personagens que tratam do tema da loucura de variadas formas, testemunha-se numerosos exemplos que mostram como a insanidade é um tema comum ao romance. Tem-se, por exemplo, Dom Quixote, considerado por muitos como o livro fundador da literatura mundial e que aborda o tema de maneira exemplar. Entre os brasileiros, Guimarães Rosa figura entre os autores que produziram obras-primas sobre o assunto, demonstrando por meio de seus variados personagens desviantes seu conhecimento e sensibilidade para com o assunto.

Antes de entrarmos propriamente ao estudo do conto, convém esclarecer alguns pontos sobre a biografia do autor mineiro. Rosa era médico de formação, e durante muitos anos trabalhou em pequenas cidades de Minas Gerais, onde tinha contato com a gente sertaneja com seus trejeitos, falas e visão de mundo. Em uma dessas cidades, Barbacena, Guimarães viveu um ano, entre 1933 e 1934, e teve contato com o primeiro sanatório do Estado, conhecido como Assistência aos Alienados do Estado de Minas Gerais. A data de fundação desse hospital é 1903, e possuía como objetivos a moralização dos costumes e confinamento dos doentes crônicos que eram considerados incuráveis.

Ao conhecimento proveniente da experiência no sanatório do Estado, Rosa profere um discurso diferente ao pronunciado na época sobre a loucura, pois “ao discurso da exclusão, pautado em um saber moderno e europeu, Guimarães Rosa prefere o discurso da inclusão.”¹² O discurso inclusivo de Rosa sobre a loucura evidencia o tratamento desumano dado aos alienados em seu tempo e, sobretudo, valoriza o caráter transgressor da linguagem dos insanos.

No autor mineiro observam-se diferentes produções sobre o assunto, demonstrando a afinidade de Guimarães para com o tema. Em sua proposta de renovação da linguagem literária, Rosa encara o tema da insanidade como uma

¹² AZEVEDO, Maristela Guedes de Azevedo. Guimarães Rosa em Barbacena: Análise da Influência da Cidade nas Concepções e nas Obras do Escritor. 2009. 20 f. Trabalho de iniciação Científica. UNIPAC. Barbacena, 2009.

saída à linguagem automatizada do cotidiano, pois devido ao discurso do louco ser considerado desviante, a normal e distinto dos demais, esse o serve poeticamente ao seu intento de renovação lingüística.

O tratamento dado à loucura por Guimarães Rosa revela um autor possuidor de uma sensibilidade para com os considerados loucos, ele expõe poeticamente a visão do louco e dos que convivem próximos à ela. Seja por meio da linguagem, seja por meio das atitudes dos “personagentes”, Rosa demonstra uma sensibilidade com relação ao tratamento dado aos loucos da época, pois

Nesses textos, Guimarães Rosa denuncia a insuficiência da linguagem humana que se fundamenta, basicamente, em oposições excludentes, aponta os equívocos do saber moderno e revela as condições dos pacientes com deficiência mental.¹³

Além de criticar a forma de tratamento dado aos loucos da época, o autor também utiliza o caráter inovador e poético da linguagem e da (ir)racionalidade dos insanos como mais uma ferramenta para a subversão das formas tradicionais de falar e pensar o mundo.

De conhecimento de um pouco da visão do autor sobre a loucura, passemos agora ao conto escolhido. “Sorôco, sua mãe, sua Filha” conta a história do protagonista Sorôco e as únicas pessoas de sua família: a mãe e a sua filha, que estão sendo levadas para o embarque em direção à cidade de Barbacena, onde lá ficarão confinadas em um sanatório pelo resto de suas vidas. A cena é acompanhada pelos habitantes da cidade, que esperam na estação de trem o embarque das duas loucas da região e as opiniões variam entre a compaixão pela partida das únicas duas familiares de Sorôco e a chacota direcionada aos três distintos personagens. Em certo momento antes do embarque, a filha do personagem começa a cantarolar uma desvairada cantiga, sendo em seguida acompanhada pela mãe. Após a partida das duas no trem que as levará para o sanatório de Barbacena, Sorôco inicia o cantarolar da mesma insana música das duas personagens, e após o estranhamento inicial, todos na estação começam paulatinamente a cantar a mesma alucinada e incompreensível canção das personagens loucas.

¹³ AZEVEDO, op. Cit., p. 8.

No conto estudado, pode-se observar como o autor possuía um conhecimento acerca do tratamento oferecido aos loucos da época, pois como nos informa Perrone-Moysés (2002), Rosa oferece relevantes informações sociológicas e psicológicas do lugar reservado à loucura na época. Com relação ao aspecto sociológico da loucura, pode-se notar que:

...todas as circunstâncias de lugar sublinham a exclusão social das “loucas”. As duas mulheres vão “para longe, para sempre”. O hospício é uma prisão; o vagão que deve levá-las tem janelas com grades, “feito as de cadeia, para os presos”. Os “loucos” são tratados como os animais: o vagão está “do lado do curral de embarque dos bois”. O destino dos “loucos” depende dos “não-loucos”: o vagão irá “atrelado ao expresso”.¹⁴

Como visto acima, para a população em geral, o louco não era considerado um ser humano, ou pelo menos não era considerado um ser humano completo em todos os seus direitos de cidadão, pois o conto deixa bem claro de como era realizado o tratamento dos alienados naquele momento histórico. Além de evidenciar a falta de humanidade no tratamento dos loucos, os trechos destacados do conto nos informam que o trem possuía grades em suas janelas, demonstrando o caráter prisional do hospital.

Com relação ao caráter psicológico da loucura no conto, Perrone-Moysés (2002) esclarece que as duas personagens loucas não possuem voz, é apresentado pelo narrador somente uma caracterização visual de suas roupas e algumas de suas ações, não é mostrado estado psíquico da mãe e da filha nem suas indagações existenciais. No conto são mostrados somente as reações da população que aguardava a partida do trem, conhecido como “trem do doido” ou “trem do sertão”.

A narração oferecida pelo narrador do conto pretende-se objetiva, culta e sem envolvimento sentimental com a cena apresentada. Narrador observador, esse possivelmente posiciona-se junto com os demais moradores da cidade aguardando a partida das únicas familiares de Sorôco, revelando conhecimentos do cotidiano

¹⁴ PERRONE-MOYSÉS, Leila. “Pra trás da Serra do Mim”. Scripta, V. 5, N. 10, Belo Horizonte, 2002. Disponível em <http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10/Conteudo/N10_Parte01_art14.pdf>. Acesso em: Ago. 2011. P. 212.

deles, conhecendo as dificuldades enfrentadas por Sorôco na vivência diária com as alienadas. Diz, por exemplo, que

Sorôco tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar nunca mais. De antes, Sorôco aguentara de repassar tantas desgraças, de morar com a duas, pelejava. (SMF, 63)¹⁵

Apesar da pretensa imparcialidade da narração, o narrador acaba revelando compaixão pelo personagem Sorôco, dizendo ser um alívio para ele o embarque das duas, pois Sorôco já tinha “pelejado” demasiadamente durante anos, e que elas eram doentes incuráveis, sendo a melhor saída a internação no sanatório do estado.

Na narração observamos as reações das pessoas no local de embarque, pois elas sentiam um penar pela partida das loucas, pensando que “era uma tristeza” a partida delas, todos dizendo a Sorôco “Deus vos pague essa despesa”, mas ao mesmo tempo sentiam medo da loucura das personagens, “todos ficavam a parte, a chusma de gente não querendo afirmar as vistas, por causa daqueles trasmodos e despropósitos, de fazer risos, e por conta de Sorôco- para não parecer pouco caso.” A população tem receio de que aquela loucura possa contagiar a todos, ela não possui clareza nem firmeza na delimitação entre razão e desrazão. Finazzi- Agrò (1998), em artigo sobre a obra do autor estudado, diz que:

Aquilo que está em questão é, no fundo, a nossa relação com uma Alteridade medonha que pensamos ter cancelado dentro de nós, homens civilizados, mas que, na verdade, está prestes a reaflorar, na sua forma mais brutal e violenta, logo que reentrarmos em contato com a natureza mais brutal e violenta, com aquela *wilderness* que é o nosso habitat primordial e onde se instala, ao mesmo tempo, a nossa essência mais verdadeira.¹⁶

A gente que aguarda o embarque tem certo temor das duas personagens, pois elas, em suas atitudes irracionais revelam muito do caráter desses habitantes,

¹⁵ ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005, p. 63. A sigla SMF, acompanhada no número de páginas, será utilizada toda vez que se fizer referência ao conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa.

¹⁶ FINAZZI-AGRÒ, E. A Força e o Abandono: violência e Marginalidade na Obra de Guimarães Rosa. In: HARDMAN, F. F. (Org.). *Morte e Progresso: Cultura Brasileira como Apagamento de Rastros*. São Paulo: Unesp, 1998. P. 89.

expõem comportamentos e irracionalidades escondidas dentro de cada um. Talvez o embarque seja um modo de deixar essa irracionalidade distante e oculta dos olhos da população, e como meio de escapar a essa irracionalidade, os moradores que comparecem ao embarque tratam de conversar trivialidades, pois “o uso da fala coesa e coerente perante o grupo funciona como legitimador da liberdade, da possibilidade de convívio social, o aglomerado de gente continua a discutir, a provar o estar pleno de si.”¹⁷

Os habitantes da cidade possuíam uma relação ambígua com Sorôco e a sua família, pois do mesmo modo que eles causavam compaixão à gente da cidade eles também causavam aversão pelos seus modos distintos. As atitudes dos indivíduos na estação demonstram que, apesar de sua aparência e trejeitos considerados incomuns, o personagem Sorôco possuía um carisma na cidade, pois todos tratavam de saudá-lo pela partida de suas familiares, “todos diziam a ele seus respeitos, de dó.”¹⁸

A relação apresentada pelos habitantes da cidade demonstra o quanto era difícil para o personagem aguentar aquela situação, todos se condoíam pelo sofrimento de Sorôco e diziam que ele “tinha tido muita paciência. Sendo que não ia sentir falta dessas transtornadas pobrezinhas, era até um alívio. Isso não tinha cura, elas não iam voltar, nunca mais.”¹⁹ Os moradores da cidade percebiam a agonia daquele homem e tratavam de não machucá-lo mais, o povo permanecia distante, observando longe da estação, “debaixo das sombras de cedro”²⁰. Deve-se ainda observar no trecho citado que o tratamento não visava à cura das enfermas, mas ao internamento das inválidas em uma instituição distante do convívio social.

Observa-se na narração que as vestimentas e o local de moradia dos personagens esclarecem sobre a classe social a qual eles faziam parte, pois eles viam “da rua de baixo, onde morava Sorôco”²¹ e a moça vestia “panos e papeis, de diversas cores, uma carapuça em cima dos espantalhos cabelos, e enfunadas em

¹⁷ PELINSER, André Tessaro; ARENDT, João Claudio. *No Oco sem Beiras: Notas Sobre a Loucura e a Angústia de Sorôco*. Travessias Ed. 10, p. 270. Disponível em <<http://www.unioeste.br/travessias/CULTURA/NO%20OCO%20SEM%20BEIRAS.pdf>>. Acesso em set. 2011.

¹⁸ SMF, 62.

¹⁹ SMF, 63.

²⁰ SMF, 61.

²¹ SMF, 62.

tantas roupas ainda de mais misturas, tiras e faixas, dependuradas...”²² confirmando a pobreza do trio de personagens. Discorrendo sobre eles, o narrador ainda diz que “para o pobre, os lugares são mais longes.”²³, não deixando dúvidas sobre a posição social desprivilegiada da família.

Com relação ao trem que levava os doentes mentais para a cidade de Barbacena, observa-se a semelhança com a “Nau dos Loucos”, pois como o próprio autor afirma “o carro parecia um canoão no seco, navio. A gente olhava: na reluzências do ar, parecia que ele estava torto, nas pontas se empinava.”²⁴. Pelo conhecimento a respeito da história da loucura que o autor apresenta em suas produções literárias, provavelmente a comparação com um navio não foi desproposita, pois Guimarães Rosa certamente teve contato com esse fato histórico, e

Ainda que o nome de Hieronymus Bosch (1450- 1516) não se faça presente no conto, impossível deixar de pensar, pela descrição feita pelo narrador do vagão que conduzirá as loucas a Barbacena, na tela deste pintor holandês, hoje presente no Louvre: *a nau dos loucos*. A preocupação visual com o vagão, mostrado em sua similitude com “canoão”, com “navio”, revela conhecimento da tela. Esta mesma imagem também foi utilizada por Michel Foucault.²⁵

O personagem Sorôco no início do conto é descrito como

“um homenzão, brutalhudo de corpo, com a cara grande, uma barba, fiosa, encardida em amarelo, e uns pés, com alpercatas: as crianças tomavam medo dele; mais, da voz, que era quase pouca, grossa, em seguida se afinava.”²⁶

Porém ele adquire voz somente duas vezes na narração, quando diz ao funcionário da estação que a mãe “não faz nada, seo agente”²⁷ e em seguida fala que “ela não acode quando a gente chama...”²⁸. Nesses dois momentos, observa-se

²² SMF, 62.

²³ SMF, 62.

²⁴ SMF, 61

²⁵ CÉZAR, Adelaide Caramuru; SANTOS, Volnei Edson dos Santos. *Dionisismo em “Sorôco, sua mãe, sua filha”*. Terra Roxa e Outras Terras, Volume 3, 2003. Disponível em <www.uel.br/pos/letras/terraroja/g_pdf/vol3/vol3_SSMSF.pdf>. Acesso em ago. 2011. P. 29

²⁶ SMF, 62.

²⁷ SMF, 63.

²⁸ SMF, 63.

como a voz de Sorôco contrasta com a forma física descrita no início da narração, pois segundo o narrador o personagem fala de uma maneira suave, com as palavras sendo pronunciadas em baixo volume, indicando possivelmente a dor da perda das duas mulheres.

Após a partida do trem, observa-se a reação do personagem: abatido, cabisbaixo e sofrendo em silêncio, o homem retira-se lentamente da estação de trem com imenso pesar e talvez sentindo o peso da solidão vindoura, pois elas eram sua única família. Mas aí Sorôco principia a cantarolar a mesma canção de suas familiares, num rompante de desrazão deixa embalar-se por aquela doida melodia, começando baixinho, com a sua voz oscilante e desafinada, para alcançar o canto redentor do final da narração. Nesse momento, todos os presentes na estação começam também a cantar a mesma melodia de Sorôco e sua gente.

Os temas predominantes do conto são a perda, a tristeza e a loucura, porém deve-se atentar para o último acontecimento da narração: a acolhida da população à loucura do personagem, a solidarização de todos os presentes para com o infeliz homem. Esse último acontecimento nos faz refletir sobre um aspecto essencial da experiência humana revelado no conto: a alteridade.

Segundo Betto, pode-se compreender a alteridade como a capacidade

de apreender o outro na plenitude de sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações sociais e pessoais, mais conflitos existem.²⁹

A relação da população para com Sorôco e sua família era de uma suave indiferença, todos sabiam da existência dele e de suas familiares loucas e talvez pouco importavam com o cotidiano de penúria deles. Porém, com a chegada do trem e a partida das duas mulheres, a população se atentou para o fato de o personagem estar perdendo as duas únicas pessoas próximas a ele e assim o viram como um ser humano dotado de sentimentos e sofrimentos, não apenas como o homem assustava as crianças por sua aparência e que cuidava das loucas da cidade.

Porém ao se darem conta do sofrimento do homem ali na estação, todos os presentes sentiram o mesmo que Sorôco sentiu, ao cantar a mesma música das

²⁹ CHRISTO, Carlos Alberto Libâneo. Alteridade, subjetividade e generosidade. Disponível em < <http://www.freibetto.org/index.php/artigos/72-alteridade>>. Acesso em 15 ago. 2011

loucas eles conseguiram perceber o outro, o dessemelhante de uma maneira generosa. Como explica Frei Betto:

Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível – porque, se tirar essa via, caio no colonialismo, vou querer ser como ele ou que ele seja como sou - a via do amor, se quisermos usar uma expressão evangélica; a via do respeito, se quisermos usar uma expressão ética; a via do reconhecimento dos seus direitos, se quisermos usar uma expressão jurídica; a via do resgate do realce da sua dignidade como ser humano, se quisermos usar uma expressão moral. Ou seja, isso supõe a via mais curta da comunicação humana, que é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.³⁰

Os presentes na estação enfim conseguiram apreender o sofrimento da perda e da solidão de Sorôco, enfim puderam vislumbrar um outro mundo que não o deles, experimentaram o mundo isolado da marginalidade da loucura das duas mulheres e seu cuidadoso homem, nesse momento todos ali presentes provaram o que era ser o “outro da razão” e possuíam o mesmo sentimento de abandono do pobre homem.

A alteridade faz-se presente no momento em que a população reconhece Sorôco como o diferente dos outros, mas nem por isso o excluem por conta disso, pois contrariamente ao comportamento padrão, naquele momento em que os presentes cantam a canção, o personagem Sorôco se iguala a todos, pois todos eram um pouco como ele, todos eram um pouco insanos e sentiam a mesma dor da perda dele. Aquele

desenraizamento, o vazio que transtorna Sorôco é substituído pelo acolhimento sincero, pela solidariedade da população do lugar. Em meio à violência do banimento das mulheres, a loucura abre possibilidades de tomada de consciência, surgindo como caminho de criação de vínculos, de construção de laços sociais.³¹

Se eles não tinham conexão alguma com o personagem, naquele momento em que a população observa a partida das suas únicas familiares e o sofrimento da

³⁰ CHRISTO, *Op. Cit.*

³¹ SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. *Olhando Sobre o Muro: Representações de Loucos na Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em <http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1679/1/2008_GisleneMariaBarralLimaFelipedaSilva.pdf>. P. 45.

perda delas e, como uma compensação pelo tratamento reservado as duas durante tantos anos, toda a população se compadece da triste figura de Sorôco e o coro dionisiaco que liga todos os habitantes por uma mesma desrazão talvez minore um pouco a aflição do homem. Os presentes diziam que “foi de não sair mais da memória. Foi um caso sem comparação³².” Revelando o quanto a

loucura engendra uma forma de conhecimento, uma ascese materializada na cantiga uníssona, que trata de estabelecer uma ligação supra-racional entre as mulheres, Sorôco e a comunidade a que pertencem, diluindo fronteiras entre a loucura denunciada e uma razão enlouquecida.”³³

Naquele momento a fronteira entre razão e desrazão, evidenciada em diversas passagens do conto, torna-se indistinta, fluída, vacilante, pois os habitantes da cidade e o próprio Sorôco, que não apresentava traços de insânia até aquela passagem, viram-se tomados pelo canto desarrazoado das duas loucas, demonstrando que a linha divisora entre a sanidade e a insânia muitas vezes se confunde.

O caráter de alteridade em tal atitude revela que esse conceito figura entre as possibilidades apresentadas no texto literário e, conseqüentemente, na vida real, pois a arte literária reflete e questiona aspectos da vida humana, real, pois

os textos literários se constituem como discursos, que, a um só tempo, recuperam – e assimilam, recusam ou questionam – as representações sociais que tomam como base. Importa averiguar como o modo como esses textos apresentam e exploram essas representações sociais funciona como um instrumento de reforço da estigmatização, promovendo a marginalização, ou seja, transformando a diferença em desigualdade e legitimando o preconceito e a criação de estereótipos.³⁴

Na narração estudada observa-se como o autor, por ser possuidor de conhecimentos acerca do fenômeno psíquico e social da loucura, trabalha com a questão da alienação naquele momento sócio-histórico da obra, e, de acordo com pensamento vigente na época, que relegava a insânia à marginalidade e ao preconceito, Rosa subverte esse antigos padrões de comportamentos e, mesmo que momentaneamente, transforma a todos em insanos, a todos em semelhantes

³² SMF, 64.

³³ SILVA, Op. Cit., p. 47.

³⁴ SILVA, Op. Cit., p. 07.

ao tão sofrido homem e suas duas mulheres que partiram. Rosa oferece a alteridade, a percepção do outro a partir dele mesmo, como uma saída para o preconceito e como um modo de incluir os marginalizados em uma esfera de convívio social digna a todo ser humano, seja ele considerado louco ou não.

Observa-se como a loucura é um fato social e que, por meio da alteridade, pode-se relacionar com esse fenômeno de um modo mais digno para todos os envolvidos. O autor, ao incluir todos os presentes na esfera da insanidade, desloca e o conceito de alienação e realiza um questionamento acerca dos limites da loucura.

No próximo capítulo ver-se-á como essa narração e os aspectos tratados por ela podem ser trabalhados em sala de aula.

04 “Sorôco, sua mãe, sua filha” na sala de aula

Pretende-se com esse capítulo oferecer um roteiro para o trabalho em sala de aula com o conto de Guimarães Rosa, pois ele apresenta importantes questionamentos a respeito do tratamento dado à loucura e aos loucos no mundo contemporâneo além de possibilitar o levantamento de questões relativas ao conceito de alteridade.

Ainda deve-se observar como a linguagem Rosiana pode oferecer um proveitoso trabalho em sala de aula, pois acredita-se que ao tratar de Guimarães Rosa, não pode-se preterir desse aspecto crucial na obra do autor.

Deve-se trabalhar esse conto em ambiente escolar para trazer aos alunos questionamentos concernentes ao tratamento oferecido aos loucos na época em que se passa a produção literária e as mudanças ocorridas daquela época para a nossa, além de tentar abolir eventuais julgamentos preestabelecidos a respeito da insanidade, bem como mostrar como a imagem da loucura é um fato socialmente construído.

Além disso, a referida obra literária oferece a oportunidade de abordagem do conceito da alteridade, assunto de relevância cada vez maior para o ensino atual, pois o conceito consegue dialogar com as diferenças de qualquer espécie de uma maneira harmoniosa e respeitosa e procura valorizar o lugar e a singularidade do Outro, seja ela qual for. Por isso, esse conceito não pode ser preterido no trabalho com os alunos.

É sabido de todos que a literatura é capaz de alargar horizontes, de redefinir conceitos preexistentes e pode ainda fazer refletir sobre uma situação jamais pensada pelo sujeito leitor. No caso do presente trabalho, procurar-se-á deslocar a noção de loucura como doença mental, tentando trazer ao alunos uma maior humanização no trato da insanidade, pois o indivíduo portador dessa característica, apesar do senso comum muitas vezes afirmar o contrário, é ainda um homem possuidor de dignidade e de direitos assegurados pelo estado.

Ao trazer o conto para a sala de aula, procura-se sensibilizar o aluno para assuntos referentes à loucura, evitando o lugar-comum dos julgamentos reservados ao louco em nossa sociedade.

PLANO DE AULA

Professor (a): Anderson Chagas da Silva

Escola: Centro de ensino médio 01 São Sebastião

Disciplina: Literatura

Turma: 3º ano do nível médio

Duração: 3 aulas de 50 minutos

Assunto: Conto “Sorôco, sua mãe, sua filha”, de Guimarães Rosa

COMPETÊNCIA(S)	HABILIDADE(S)	PROCEDIMENTOS
<ul style="list-style-type: none"> Compreender as características da obra de Guimarães Rosa, especialmente a sua linguagem. Compreender através do conto os conceitos de loucura e alteridade. 	<ul style="list-style-type: none"> Identificar as expressões lingüísticas no conto lido. Ler e Identificar no conto lido os conceitos de loucura e alteridade. 	<ul style="list-style-type: none"> Apresentando aula expositiva. Fazendo leitura oral do conto. Exercitando o aprendizado utilizando exercícios diversificados Lendo o conto e identificando os conceitos de alteridade e loucura.
BIBLIOGRAFIA: LIBÂNEO, José Carlos. Didática. São Paulo: Cortez, 1990. ROSA, Guimarães. São Paulo: Nova Fronteira, 2003.		

ATIVIDADES PROPOSTAS PARA AS AULAS

Na primeira aula

Acionar o conhecimento prévio dos alunos ao perguntar o que eles entendem por loucura, se conhecem alguma pessoa louca, se já viram em filmes, séries televisivas ou livros alguém acometido por essa doença. Após os comentários, questionar quais os aspectos que mais chamam a atenção dos alunos.

Após a discussão, será escrito no quadro as características citadas pelos alunos, e, para após a leitura do conto, verificar se os personagens se encaixam nas referidas categorias.

Dar-se-á a leitura guiada em voz alta do conto para uma melhor apreensão dos aspectos sintáticos, fonéticos e semânticos da produção de Guimarães Rosa, observando os seguintes aspectos:

- É mais fácil ler em silêncio que em voz alta?
- Quais as palavras diferentes que vocês observaram?
- Quais os personagens principais?
- É possível observar as características da 3ª fase do modernismo na referida obra?
- Vocês conseguem me dizer quais obras Guimarães Rosa produziu?
- Vocês conseguem me dizer o motivo da distância da população em relação aos três personagens?
- Qual eram as características dos três personagens? Como eles estavam vestidos?
- Pra onde o trem levava as duas familiares de Sorôco?
- A população gostava de Sorôco?
- Vocês conseguem me dizer por que a população cantou a música com Sorôco?

Na segunda aula

Após a leitura do conto e a observância dos aspectos acima elencados, será dada uma explanação geral da terceira fase do modernismo brasileiro, com especial ênfase nas obras de Guimarães Rosa, situando o autor no contexto sócio-histórico da literatura brasileira além de apontar suas principais características, especialmente o seu trabalho com a linguagem, com explicações sobre expressões lingüísticas e a linguagem Rosiana, tais como:

- No trecho “As muitas pessoas já estavam de ajuntamento, em beira do carro, para esperar. As pessoas não queriam poder ficar se entristecendo, conversavam, cada um porfiando no falar com sensatez...”, o que pode-se depreender desse trecho? Podemos inferir que a linguagem Rosiana se assemelha ao do sertanejo mineiro? Cite exemplos do texto.
- No trecho “Agora, mesmo, a gente só escutava era o acorção do canto, das duas, aquela chirimia, que avocava: que era um constado de enormes diversidades desta vida, que podiam doer na gente, sem jurisprudência de motivo nem lugar, mas pelo antes, pelo depois.”. Cite as palavras que vocês não compreendem e tentem compreender seu significado a partir do texto.
- Cite exemplos no texto sobre as características aprendidas da linguagem de Guimarães Rosa.

Na terceira aula

Na seqüência do trabalho com o texto Rosiano, será apresentado aos alunos o artigo de Frei Betto chamado “Alteridade, subjetividade e Generosidade”, onde o autor nos esclarece sobre o conceito de alteridade e como ele permeia a vida em sociedade. O autor exemplifica o conceito da alteridade como a capacidade de

“apreender o outro na plenitude de sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença”³⁵,

No estudo do artigo citado, objetiva-se trabalhá-lo tendo em vista os aspectos que são pertinentes ao texto literário de Guimarães Rosa, ou seja, pretende-se realizar uma ligação entre as idéias contidas no texto dos dois autores, pois certamente um complementa o outro no que se refere à convivência com *outro*, com a *diferença*, e nesse caso, com a *loucura*.

Na leitura guiada do texto, observar-se-á os seguintes aspectos:

- A partir do trecho *“O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.”*. O que vocês compreendem como alteridade? Cite exemplos desse conceito na vida prática de cada um.
- No trecho *“Fiquei algumas semanas privado da possibilidade de ver o meu rosto num espelho. É uma experiência terrível: não se ver no espelho. E cheguei a uma conclusão que me pareceu absurda, mas que pode ser constatável por qualquer pessoa. Nenhum de nós, por mais que se olhe no espelho ao longo da vida, guarda a memória das suas feições. Sei como você é porque estou olhando-o agora, mas você não sabe como são as suas feições, a não ser quando se olha no espelho. É como se a natureza quisesse nos dizer que fomos feitos para olhar o outro, e não a si próprio. Como os povos indígenas têm pouca relação com o espelho, possivelmente têm essa possibilidade de desenvolver o olhar para o outro, mais do que para si mesmo. Isso deve ter alguma influência. É uma experiência empírica minha. Mas que me levou a pensar o seguinte: “Como me espelho no olhar do outro? Como o outro se espelha no meu olhar?” Só posso saber isso pelo caminho mais curto - o diálogo, que é a possibilidade de expressarmos o que somos e sentimos, mais do que aquilo que pensamos.”*

Vocês conseguem me explicar a história do espelho? Por que o autor usou esse exemplo? Como isso pode ser aplicado na história lida?

- Como a generosidade pode nos ajudar a conviver com a diferença?
- Os habitantes da cidade realizaram um comportamento generoso? Cite exemplos de alteridade presente no conto lido.
- Podemos usar esse o conceito de alteridade com relação à linguagem de Guimarães Rosa?
- A partir da leitura dos dois textos, como podemos usar a generosidade e a alteridade em nossas vidas? É possível?

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho procurou oferecer uma visão das transformações que a loucura passou do início da época conhecida como Renascença até meados do século XX, momento histórico onde se passa o conto do escritor mineiro, além de analisar a obra literária do ponto de vista do conceito de alteridade, e por último procurou-se aplicar esses conhecimentos dentro de sala de aula.

O conto em questão, já bastante analisado por numerosos estudiosos, proporciona uma interessante discussão acerca do tratamento oferecido aos loucos pela sociedade, pois apesar do senso comum a respeito da insânia estar presente na obra, tais como o anseio da população em geral ao tratar das doentes e do confinamento delas em suas casas, apartadas do convívio geral com o restante da população, o conto ambiciona superar essa divisão clara entre loucura e desrazão, pois ao final observa-se um “contágio” da loucura e da solidão proveniente desse confinamento em todos os ali presentes na estação.

Além disso, a produção oferece a oportunidade de trabalhar em sala de aula temas relevantes ao ensino, tais como a visão estereotipada do louco e o preconceito decorrente disso e ainda abordar os conceitos de alteridade, tópico de acentuada importância para os dias atuais.

Com esse trabalho pretendeu-se, sobretudo, versar sobre temas escolhidos com o intuito de sensibilização para com o tratamento dos considerados desviantes da sociedade, os loucos, entretanto espera-se que essa produção possa oferecer aos alunos a possibilidade de enxergar o Outro de uma maneira um pouco mais humana e talvez, atingir outros grupos marginalizados socialmente também.

Na tentativa de desvendar a diferença do próximo, aspirou-se trazer ao aluno por meio do conto de Guimarães Rosa a possibilidade de crescimento pessoal a partir da perspectiva do distinto, do dessemelhante, pois somente observando o que nos é alheio é que podemos fazer uma reflexão dos nossos próprios defeitos e qualidades, e, ao perceber o próximo como diferente, compreender que faz parte da constituição da realidade as diferenças, seja entre sujeitos, objetos, conceitos ou demais aspectos.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. São Paulo: Martins fontes, 2007.

AZEVEDO, Maristela Guedes de Azevedo. *Guimarães Rosa em Barbacena: Análise da Influência da Cidade nas Concepções e nas Obras do Escritor*. 2009. 20 f. Trabalho de iniciação Científica. UNIPAC. Barbacena, 2009.

BECKEL, Gilcia Gil. *Literatura e Psicanálise: Qual a Relação?*. IN: III Jornada de Psicanálise do Fórum Baiano de Psicanálise. Salvador, 2006. Disponível em <<http://www.elba-br.org/elb-publicacoes/pdf/literatura-psicanalise.pdf>>. Acesso em: Nov. 2011.

CÉZAR, Adelaide Caramuru; SANTOS, Volnei Edson dos Santos. *Dionisismo em “Sorôco, sua mãe, sua filha”*. Terra Roxa e Outras Terras, Volume 3, 2003. Disponível em <www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol3/vol3_SSMSF.pdf>. Acesso em Ago. 2011.

FOUCAULT, Michel. *História da Loucura da Idade Clássica*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FRAYZE-PEREIRA, João A. *O que é Loucura?*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

HADDOCK-LOBO, Rafael. *A História da Loucura como “História do Outro”*. Revista Veritas V. 53, N. 2, 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/viewFile/4458/3367>>. Acesso em: Ago. 2011.

HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de janeiro: Objetiva. 2009. 1 ed.

LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 1990.

MARTINS, Guilherme Paiva de Carvalho. *Foucault e a Crítica da Razão*. Revista Atlas N. 3, 2003. Disponível em <www.unicamp.br/~aulas/pdf3/12.pdf>. Acesso em: Ago. 2011.

MORA, José Ferrater. *Dicionário de filosofia*: tomo III. São Paulo: Loyola. 2001.

MORAES, Vanessa L. *Guimarães Rosa e Foucault: linguagem literária e filosofia*. Revista Ideia Vol. 1, N. 2, 2009. Disponível em <<http://revistaidea.com.br/clip-n/Arquivos/13.pdf>> Acesso em: Set. 2011.

OLIVEIRA, Maria Rosa Duarte de. *A Viagem em Guimarães Rosa: Espaços Nômades entre Identidade e Alteridade*. Revista Cerrados, Brasília, V. 17, N. 2, 2008. Disponível em
<www.telunb.com.br/revistacerrados/index.php/revistacerrados/.../34>. Acesso em: Nov. 2011.

PELBART, Peter Pál. *Da clausura do fora ao fora da clausura*. São Paulo: Brasiliense. 1989.

PLAZA, Monique. *A escrita e a loucura*. Lisboa: editorial Estampa, 1990.

ROSEBAUN, Yudith. *Guimarães Rosa e o Canto da Desrazão*. Revista Ângulo, São Paulo, N. 115. Disponível em
<<http://www.fatea.br/seer/index.php/angulo/article/view/111/97>>. Acesso em: Out. 2011.

PELINSER, André Tessaro; ARENDT, João Claudio. *No Oco sem Beiras: Notas Sobre a Loucura e a Angústia de Sorôco*. Travessias Ed. 10. Disponível em
<<http://www.unioeste.br/travessias/CULTURA/NO%20OCO%20SEM%20BEIRAS.pdf>>. Acesso em: Out. 2011.

PERRONE-MOYSÉS, Leila. *“Pra trás da Serra do Mim”*. Scripta, V. 5, N. 10, Belo Horizonte, 2002. Disponível em
<http://www.ich.pucminas.br/cespuc/Revistas_Scripta/Scripta10/Conteudo/N10_Part%20e01_art14.pdf>. Acesso em: Out. 2011.

ROSA, Guimarães. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SILVA, Gislene Maria Barral Lima Felipe da. *Olhando Sobre o Muro: Representações de Loucos na Literatura Brasileira Contemporânea*. Disponível em
<http://repositorio.bce.unb.br/bitstream/10482/1679/1/2008_GisleneMariaBarralLimaFelipedaSilva.pdf>. Acesso em: Out. 2011.

VIEIRA, Priscila Piazzentini. *Reflexões Sobre a História da Loucura de Michel Foucault*. Revista Aulas N. 3, 2007. Disponível em
<<http://www.unicamp.br/~aulas/pdf3/24.pdf>>. Acesso em: Ago. 2011.

ANEXO

ALTERIDADE, SUBJETIVIDADE E GENEROSIDADE

Frei Betto

A dificuldade, dentro da ótica neoliberal, é trabalhar a dimensão da alteridade. O que é alteridade? É ser capaz de apreender o outro na plenitude da sua dignidade, dos seus direitos e, sobretudo, da sua diferença. Quanto menos alteridade existe nas relações pessoais e sociais, mais conflitos ocorrem.

A nossa tendência é colonizar o outro, ou partir do princípio de que eu sei e ensino para ele. Ele não sabe. Eu sei melhor e sei mais do que ele. Toda a estrutura do ensino no Brasil, criticada pelo professor Paulo Freire, é fundada nessa concepção. O professor ensina e o aluno aprende. É evidente que nós sabemos algumas coisas e, aqueles que não foram à escola, sabem outras tantas, e graças a essa complementação vivemos em sociedade.

Possivelmente, a cozinheira do meu convento sabe muitas coisas que não sei, e eu sei muitas coisas que ela não sabe. Mas se pesar na balança, e perguntar quem pode prescindir do conhecimento do outro, tenho certeza de que não posso prescindir da culinária dela para sobreviver. E ela, seguramente, pode prescindir da minha filosofia e teologia para sobreviver.

Numa sociedade de tamanho apartheid social como a brasileira, predomina a concepção de que aqueles que fazem serviço braçal não sabem. No entanto, nós que fomos formados como anjos barrocos da Bahia e de Minas, que só têm cabeça e não têm corpo, não sabemos o que fazer das mãos. Passamos anos na escola, saímos com Ph.D., porém não sabemos cozinhar, costurar, trocar um equipamento elétrico em casa, identificar o defeito do automóvel... e nos consideramos eruditos. E o que é pior, não temos equilíbrio emocional para lidar com as relações de alteridade. Daí por que, agora, substituíram o Q.I. para o Q.E., o Quociente Intelectual para o Quociente Emocional. Por quê? Porque as empresas estão

constatando que há, entre seus altos funcionários, uns meninões infantilizados, que não conseguem lidar com o conflito, discutir com o colega de trabalho, receber uma advertência do chefe e, muito menos, fazer uma crítica ao chefe.

Bem, nem precisamos falar de empresa. Basta conferir na relação entre casais. Haja reações infantis...

Quem dera que fosse levada à prática aquela idéia de, pelo menos a cada três meses, cada setor de trabalho da empresa fazer uma avaliação, dentro da metodologia de crítica e autocrítica. E que ninguém ficasse isento dessa avaliação. Como Jesus um dia fez, ao reunir um grupo dos doze e perguntar: "O que o povo pensa de mim?" E depois acrescentou: "E o que vocês pensam de mim?"

Quem de nós é capaz disso? Sempre acho que o outro pensa de mim aquilo que eu gostaria que pensasse. E morro de medo de ele falar aquilo que realmente pensa. Por isso mantenho o meu ego aprumado, pois, se ele falar, verei no olhar dele uma imagem que não é aquela que eu gostaria de projetar.

A questão da alteridade é séria. Não temos mais alteridade com a natureza. Essa é uma perda irreversível da nossa civilização. Não sei se um dia será resgatada, duvido muito. A nossa relação com a natureza é de sujeito para objeto. Só temos relação de sujeito a sujeito, como o índio tem, até os cinco anos de idade. Veja o exemplo de uma criança lidando com um cachorro bravo. Ela monta no cachorro como se fosse cavalo, enfia a mão na boca, sem risco, porque o cachorro percebe que a relação é de alteridade. É de sujeito para sujeito.

A partir dos cinco anos, perdemos a alteridade frente ao animal e ele percebe. A relação passa a ser de sujeito para objeto. O índio não. Ele mantém com a árvore, o rio, a mata, uma relação de sujeitudo para sujeito. Daí a dificuldade dos teólogos cristãos de entenderem. "Ah, isso é animismo, isso é superstição". Não, isso é relação de alteridade. Ou seja, o outro é tão sagrado e dotado de dignidade e direitos quanto eu.

Eis a dificuldade que temos de entender o outro na sua dimensão. Mesmo nas

filosofias progressistas, há sempre alguém marginalizado. O marxismo, por exemplo, convoca a classe trabalhadora como sujeito histórico, mas não os índios, não os desempregados, que no século passado eram chamados de lumpemproletariado. Em todas as culturas há sempre um setor secundário, considerado objeto, não sujeito histórico.

Quem, a meu ver, na cultura ocidental, melhor enfatizou a radical dignidade de cada ser humano, inclusive a sacralidade, foi Jesus. O sujeito pode ser paralítico, cego, imbecil, inútil, pecador, mas ele é templo vivo de Deus, é imagem e semelhança de Deus. Isso é uma herança da tradição hebraica. Todo ser humano, dentro da perspectiva judaica ou cristã, é dotado de dignidade pelo simples fato de ser vivo. Não só o ser humano, todo o Universo. Paulo, na epístola aos romanos, assinala: "Todo a Criação geme em dores de parto por sua redenção". Os católicos rezam no Credo "creio na ressurreição da carne". Hélio Pellegrino dizia que não há nada mais revolucionário do que proclamar a ressurreição da carne. Portanto, a ressurreição não é do espírito. A carne representa a materialidade do Universo.

Não podemos, pois, partir do princípio de que isso aqui é o fim da história, como quer Fukuyama, ideólogo do neoliberalismo. A nossa humanidade é muito recente, neste Universo de 15 bilhões de anos. Há apenas 2 milhões de anos apareceu o ser humano. É absurdo achar que esse modelo neoliberal de sociedade é definitivo. Basta dizer que um fator tão natural e elementar, como a necessidade animal de comer, ainda é privilégio entre os 6 bilhões de habitantes do planeta. Sobretudo no Brasil. Aqui o escândalo é maior. Estamos entrando no século XXI, convivendo com a fome num país que tem potencial de três colheitas por ano. Os europeus estão vindo plantar uva em Pernambuco, porque em nenhum lugar da Europa dá, como ali, duas ou três safras de uva por ano. Somos o maior produtor mundial de frutas, o sexto produtor mundial de alimentos, e possivelmente o único país do planeta, com dimensão continental, sem nenhuma catástrofe natural. Não temos furacão, ciclone, maremoto, vulcão ou deserto. Nosso único problema é que não temos governo. Por culpa nossa, que votamos mal.

Nossas concepções éticas são forjadas por um processo social onde o capital, um bem finito, tem mais prioridade do que os bens infinitos - a dignidade, a ética, a

liberdade, a paz, a experiência espiritual etc.

Estamos perdendo a vida interior, e entrando em outra anomalia, a hipertrofia do olhar e a atrofia do escutar. Estamos perdendo a experiência do silêncio. A perda da experiência do silêncio é a perda da possibilidade de encontro consigo mesmo. Quanto menos apreensão tenho do meu ser, mais dependente fico do meu ter. A ponto de a relação ser humano-mercadoria-ser humano se inverter. Passa a ser mercadoria-ser humano-mercadoria. Se chego na sua casa de BMW, tenho um valor A. Se chego de ônibus, eu tenho um valor Z. Sou a mesma pessoa, mas a mercadoria que reveste o meu ser humano passa a ter mais valor do que eu, e passa a me imprimir valor. É a síndrome da grife. O bem que eu porto é que imprime valor à minha qualidade como ser humano.

Dentro desse quadro, o desafio que se coloca para nós é como transformar essas cinco instituições pilares da sociedade em que vivemos: família, escola, Estado (o espaço do poder público, da administração pública), Igreja (os espaços religiosos) e trabalho. Como torná-los comunidades de resgate da cidadania e de exercício da alteridade democrática? O desafio é transformar essas instituições naquilo que elas deveriam ser sempre: comunidades. E comunidades de alteridade.

Aqui entra a perspectiva da generosidade. Só existe generosidade na medida em que percebo o outro como outro e a diferença do outro em relação a mim. Então sou capaz de entrar em relação com ele pela única via possível – porque, se tirar essa via, caio no colonialismo, vou querer ser como ele ou que ele seja como sou - a via do amor, se quisermos usar uma expressão evangélica; a via do respeito, se quisermos usar uma expressão ética; a via do reconhecimento dos seus direitos, se quisermos usar uma expressão jurídica; a via do resgate do realce da sua dignidade como ser humano, se quisermos usar uma expressão moral. Ou seja, isso supõe a via mais curta da comunicação humana, que é o diálogo e a capacidade de entender o outro a partir da sua experiência de vida e da sua interioridade.

A nossa identidade é construída pela nossa história. A minha história é a minha história, e ninguém terá uma história idêntica à minha. E é isso que faz a minha

identidade.

Quando eu estava preso na ditadura, vivi uma experiência pela qual nunca passei antes nem depois. Foi tão marcante, que nunca mais esqueci, e talvez isso me faça entender um pouco melhor os povos indígenas hoje, porque eles, com muita frequência, vivem essa experiência.

Fiquei algumas semanas privado da possibilidade de ver o meu rosto num espelho. É uma experiência terrível: não se ver no espelho. E cheguei a uma conclusão que me pareceu absurda, mas que pode ser constatável por qualquer pessoa. Nenhum de nós, por mais que se olhe no espelho ao longo da vida, guarda a memória das suas feições. Sei como você é porque estou olhando-o agora, mas você não sabe como são as suas feições, a não ser quando se olha no espelho. É como se a natureza quisesse nos dizer que fomos feitos para olhar o outro, e não a si próprio.

Como os povos indígenas têm pouca relação com o espelho, possivelmente têm essa possibilidade de desenvolver o olhar para o outro, mais do que para si mesmo. Isso deve ter alguma influência. É uma experiência empírica minha. Mas que me levou a pensar o seguinte: “Como me espelho no olhar do outro? Como o outro se espelha no meu olhar?” Só posso saber isso pelo caminho mais curto - o diálogo, que é a possibilidade de expressarmos o que somos e sentimos, mais do que aquilo que pensamos. E, através dessa expressão, começarmos a apreender a riqueza do grupo social, da comunidade que nós formamos.